



Protestantismo em Revista é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

O FENÔMENO RELIGIOSO, O SENTIDO DA VIDA E A VIDA SEM SENTIDO NO PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO E FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

THE RELIGIOUS PHENOMENON, THE MEANING OF LIFE AND MEANINGLESS LIFE IN THE PROCESS OF SECULARIZATION AND RELIGIOUS FUNDAMENTALISM

Flavio da Silva Chaves

Mestre em Ciências da Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV).

Email: flavio.chaves.silva@hotmail.com

Isaías Almeida de Aguiar

Graduado em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá e em Direito pela Universidade Universo. Mestre em Ciência da Religião pela Faculdade Unida. Professor no Seminário Batista Fluminense.

E-mail: isaias.a.aguiar@gmail.com

Artigo enviado em: 05 de junho de 2024.

Aceito em 10 de dezembro de 2024.

Resumo:

O objetivo deste trabalho é apresentar a relevância do fenômeno religioso conferindo sentido à existência em oposição a vida sem sentido advindos do processo de secularização e do fundamentalismo religioso. A partir da metodologia bibliográfica, descritiva e qualitativa objetiva-se questionar os discursos que fundamentam e legitimam certas religiões em detrimento de outros. Apontar a diversidade de ritos e rituais que perpassam as mais variadas formas de ser religioso e a sua importância na estruturação do self para, então, refletir acerca dos prejuízos sociais decorrentes do processo de secularização e fundamentalismo religioso. Conclui-se que a religião é complexa em sua formação fenomênica e, por isso mesmo, deve ser estudada e acolhida em sua dinamicidade, diminuindo as distâncias que a separa e promovendo na sociedade aquilo para a qual foi designada: conectar o humano ao sagrado.

Palavras-chaves: Fenômeno religioso; secularização da religião; fundamentalismo religioso; sentido da vida.

Abstract:

The objective of this work is to present the relevance of the religious phenomenon, giving meaning to existence as opposed to the meaningless life arising from the process of secularization and religious fundamentalism. Using bibliographic, descriptive and qualitative methodology, the objective is to question the discourses that support and legitimize certain religions to the detriment of others. Point out the diversity of rites and rituals that permeate the most varied forms of being religious and their importance in structuring the self to then reflect on the social losses resulting from the process of secularization and religious fundamentalism. It is concluded that religion is complex in its phenomenal formation and, for this reason, it must be studied and welcomed in its dynamicity, reducing the distances that separate it and promoting in society what it was designed for: connecting the human to the sacred.

Keywords: Religious phenomenon; secularization of religion; religious fundamentalism; sense of life.

INTRODUÇÃO

O inegável ambiente de diversidade religiosa que caracteriza nossa época não é coisa nova. Entretanto, o aumento do número de fundamentalistas tem criado conflitos, muitas vezes violentos e o respeito ao outro expressar sua fé, tem diminuído. Pensando nisso, o objetivo deste artigo é apresentar a relevância do fenômeno religioso conferindo sentido à existência em oposição a vida sem sentido advindos do processo de secularização da religião.

As liberdades de expressão e de culto são asseguradas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e por várias Constituições de países. No Brasil, a constituição de 1988 legitimou o paradigma do pluralismo religioso, dando total liberdade de expressão religiosa, contudo, uma discriminação não explícita e quase invisível acaba por marginalizar grupos minoritários. Além disso, continua havendo no Brasil, bem como no mundo, discriminação velada ao culto do outro, o que aumenta as distâncias relacionais na família e na sociedade como um todo.

Neste contexto, é salutar os seguintes questionamentos: os ritos e rituais enquanto fenômeno religioso são exclusivos e fechados a determinado seguimento religioso? De que forma o fenômeno religioso confere sentido à existência? Caso seja afirmativa de que a religião promova a estruturação do self, é saudável, em pleno século XXI, a disseminação da intolerância religiosa ou até mesmo o processo de secularização da religião?

Na elucidação das respostas pretende-se, no primeiro momento, apresentar a religião e sua complexidade atenuando os efeitos nocivos do fundamentalismo religioso. Também, apontar a relação da religião e os seus valores, conferindo sentido à existência para, então, propor uma relação mais amistosa entre as religiões conectando as pessoas ao sagrado e, conseqüentemente, a maior qualidade de vida.

A Complexidade do Pensamento Religioso: Aproximações Fenomênicas

À intrigante pergunta “para que viver?” ou “qual o sentido maior da vida?” não se encontra resposta cabal nas diversas expressões religiosas que existem. A presença de interdiscursividade religiosa tão somente reescreve a pergunta de tempos em tempos e fornece novas tentativas de responder as ditas perguntas.

Por outro lado, tentar explicar cientificamente o funcionamento da vida não confere em si utilidade à mesma. Muito pelo contrário, parece dificultar e esvaziar ainda mais a vida de sentido. Apesar de tudo isso, as tentativas veementes e desesperadas de, por meio de formas de expressar o indizível, dificultam ainda mais a convivência humana no planeta, distanciando as pessoas umas das outras, num verdadeiro combate de ideias e religião.

Buscando na história, percebe-se que a religião esteve a serviço do homem, traçando manifestações utilitárias no dia a dia. Para Leroi-Gourhan, “os homens do paleolítico superior tiveram um sistema de crenças muito desenvolvido, que se expressava através das imagens simbólicas retiradas do mundo da caça”¹. Nos dizeres de Lilian Oliveira:

O homem das cavernas, ao pintar os animais, não queria necessariamente promover uma expressão artística, mas desejava através do desenho simbolizar certa magia em busca de proteção e sorte ou como instrução de como deveria agir para conseguir bom êxito em suas caçadas e ações para garantir a vida. Estas manifestações pretendiam registrar a tentativa de dominar o inexplicável, para colocá-lo a seu próprio serviço. Por sua vez, os gestos de adoração presentes nos ritos, festas e celebrações, próprios das religiões, se apresentam como formas de expressão do reconhecimento do Transcendente e do Absoluto. Assim, a descoberta do Transcendente garante a continuidade da vida e o medo da morte pode ser solucionado pelos ritos, magia e mitos.²

Deste modo, estudar sobre as religiões no mundo é assunto complexo já que envolve uma enormidade de formas e ritos desenvolvidos através de tempos imemoriais e sempre tentando dar sentido ao inexplicável, sendo muitas das vezes, instrumento de dominação e controle de determinado grupo ou sociedade. Porém, nunca é demais lembrar que todo fenômeno, social ou religioso está inserido em determinado contexto e resultado de uma época. O próprio conceito de religião é muito variado. É de Klaus Hock a afirmação:

Um dos problemas na definição do termo “religião” reside no fato de que o próprio termo nasceu num contexto cultural e histórico muito específico – num primeiro momento, pertence à história intelectual ocidental. O mais

¹ LEROI-GOURHAN, André. *Os caçadores da pré-história*. Lisboa: Edições 70, 2001. p.134.

² OLIVEIRA, L. B. de. *Formação de docentes para o ensino religioso: perspectivas e impulsos a partir da ética social de Martinho Lutero*. Tese (Doutorado em Teologia área de concentração: Educação e Religião). São Leopoldo: EST/IEPG, 2007. p.43.

tardar quando tentamos aplicar o termo religião, como termo universal, a fenômenos em outros contextos históricos e culturais, surgem dificuldades inesperadas.³

Segundo ele, as dificuldades de definir religião acontecem porque as definições chegam encontrar certa oposição; de acordo com a situação, o conceito pode variar entre uma forma de crer corretamente e outra de realizar corretamente atos dirigidos aos deuses, ou seja, o conceito pode levar à ortodoxia ou à ortopraxia, ou seja, a ortodoxia como a ideia da crença ou religião correta, enquanto que a ortopraxia como prática correta de uma crença. Assim, pode-se afirmar que cada religião cria e estrutura suas crenças e práticas, porém, nem sempre a crença religiosa consegue expressar-se de forma a produzir ou reproduzir com clareza o conteúdo último da experiência de fé.

Toda exteriorização de uma experiência individual já trai e contamina o processo, tanto pela dificuldade de reprodução do real quanto ao fato das múltiplas recepções. Pinçando mais uma das declarações de Klaus Hock:

Não obstante, uma série de indícios favorece a derivação do termo *religio* do *cultus deorum* no sentido da “atuação correta”. Por exemplo, o termo contrastante de *religio*, a *superstitio*, não se referia a uma fé errada (posteriormente “superstição”), mas a uma atuação errada – errada no sentido de um ato incorreto ou também realizado de modo exagerado, sem legitimação ou autorização.⁴

Inegável a diferenciação encontrada entre a fé e a prática no contexto das religiões; sendo possível afirmar que as expressões de algumas religiões não condizem com o conteúdo das experiências e crenças que professam e constam em seus manuais, regulamentos ou estatutos. Falta certo “alinhamento” das práticas com a essência da experiência fenomenológica religiosa. Por vezes as práticas religiosas acabam por eclipsar o sentido último da fé, sombreando o sentido da vida do fiel. Muitos, na busca de legitimarem determinada religião, minimizam o valor do divino para que supervalorizem suas práticas; práticas muitas delas, tendenciosas à manutenção de um grupo privilegiado.

A ausência de uma atuação correta, atos exagerados, ilegítimos no ambiente religioso provocam atritos entre fiéis. Encontramos o confronto, por exemplo, àqueles que formalizam “superstição”, “fábula” ou “magia”. A carência de expressões autênticas em relação à essência distorce o fenômeno, provocando posicionamentos discrepantes entre as pessoas.

Esses tipos de discrepâncias estão presentes em todas as religiões; por exemplo, no cristianismo observamos a “ortodoxia” como tentativa de alinhar o pensamento teológico em oposição às “heresias” que afloram por falta de fidelidade interpretativa das normas. Aqui cabe salientar que tal colocação é tão somente uma tipificação do que

³ HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010. p.17.

⁴ HOCK, 2010. p.18.

ocorre em outras religiões, como tentativa, às vezes infeliz, de aproximar a realidade subjetiva religiosa das explicações distorcidas do fenômeno. Mircea Eliade comenta:

O cristianismo primitivo era muito complexo, e recorria a expressões múltiplas e variadas. Na verdade, as primeiras formas cristãs estavam mais próximas daquelas tidas, mais tarde, por heréticas. Walter Bauer chega à conclusão de que três grandes centros cristãos – Edessa, Alexandria e a Ásia Menor – eram heréticos nos dois primeiros séculos; a ortodoxia somente foi introduzida mais tarde. O único centro ortodoxo na Antiguidade equivale à vitória do cristianismo romano.⁵

Assim, observa-se um conflito constante para impor cada um a sua explicação acerca da experiência religiosa num verdadeiro “ringue” de ideias. Ao que parece, tais posicionamentos dificultam o diálogo e promovem a intolerância ao modo de pensar e agir do outro. A realidade é que toda e qualquer definição será tão somente reflexo turvo da essência que envolve a experiência com o divino.

Um catedrático em música tenta explicar a forma de construção de determinada composição, descrevendo suas tonalidades, harmonia, ritmo e melodia, mas jamais conseguirá recriar a experiência que a música transmite a quem a ouve. Assim, a singularidade e subjetividade impõem-se à experiência religiosa.

Encontram-se ainda hoje religiões primitivas entre os povos tribais da África e Ásia, como Totemismo, Xamanismo, Magia, Vodú. Nelas, o culto aos antepassados e os ritos de passagem desempenham papel importante, numa crença que envolve forças, deuses e espíritos que controlam a vida das pessoas. As chamadas religiões nacionais adotam o politeísmo, ou seja, a crença em uma variedade de deuses organizados num sistema hierárquico e com funções especializadas. Gaarder, Hellern e Notaker pontuam:

Elas têm também um sacerdócio permanente, encarregado dos deveres rituais em templos construídos para esse fim. Há sempre uma mitologia bem desenvolvida, o culto sacrificial é básico, e os deuses é que escolhem o líder da nação (monarquia sacra).⁶

A questão do culto sacrificial presente na pesquisa dos citados autores é prática corrente no candomblé e em alguns terreiros de umbanda. A lei brasileira permitiu tal prática após o debate sobre o tema entrar na pauta do Supremo Tribunal Federal em agosto de 2018. A prática foi definida como constitucional no dia 28 de março de 2019 através do julgamento do Recurso Extraordinário (RE) 494601, no qual se discutia a validade da Lei 12.131/2004.

Há visível confronto entre os que defendem os sacrifícios de animais de diferentes portes e grupos religiosos que veem agressividade nesta prática e ainda,

⁵ ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas II*. São Paulo: Saraiva, 2011. p.345.

⁶ GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.38.

existe lei ambiental que considera crime e pune maus tratos contra animais: “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”⁷. Assim, as divergências vão para além do campo religioso.

As religiões mais proeminentes, com o intuito de manterem e conquistarem fiéis, esforçam-se na busca de uma prática válida para seus adeptos. Destacam-se por apresentarem como característica principal o monoteísmo, ou seja, crença em um só Deus. Valorizam a relação do indivíduo com Deus, a oração, a meditação e a salvação dos fiéis e nelas, o sacrifício é menos proeminente. Tendo como fundadores nomes conhecidos como, Moisés, Buda, Lao-Tse, Jesus, Maomé, muitas vezes são evoluções uma das outras, como protesto contra determinados aspectos de seu culto e de suas concepções religiosas. Mais uma vez, citando Gaarder, Hellern e Notaker:

No Islã e no Judaísmo o homem cumpre suas obrigações religiosas se submetendo aos mandamentos de Deus; nas religiões africanas e indianas, seguindo as regras tribais estabelecidas pelos ancestrais, e na religião chinesa, alcançando uma harmonia, ou uma consonância, com as forças básicas da existência, *yim* e *yang*[...] em certas religiões, sobretudo na Índia, um dos objetivos é atingir a união com a divindade. Para os gregos antigos isso seria o equivalente a uma blasfêmia, um sacrilégio. Romper as barreiras que separam o humano do divino era algo conhecido como *bybris* (arrogância). Uma ideia semelhante se expressa na história do Antigo Testamento sobre a queda do homem. A harmonia original do homem com Deus foi destruída porque o homem tentou imitá-lo.⁸

É possível observar a dificuldade em harmonizar os ritos e unificar as práticas sem que haja perda por parte de algum grupo, no que concerne a ceder em seu ponto de vista. Mas o que diferencia uma religião da outra e o que as torna semelhantes? O batismo cristão, a adoração num templo budista, a leitura da Torá diante do Muro das Lamentações, fiéis na peregrinação à Meca, tudo isso são atividades que têm pontos em comum; os seus participantes compartilham experiências semelhantes no que fazem e isso afeta a sociedade em que vivem porque produzem convicções coletivas, o que antes, era apenas pessoal.

Todas elas partem de um ponto em comum, que é a relação humano sagrado e sagrado humano. Todavia as diferenças entre elas, quando não compreendidas, causam

⁷ Presidência da República, Lei 9605/98. Lei de Crimes Ambientais, 12 de fevereiro de 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm#:~:text=L9605&text=LEI%20N%C2%BA%209.605%2C%20DE%2012%20DE%20FEVEREIRO%20DE%201998.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20as%20san%C3%A7%C3%B5es%20penais,ambiente%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 15 mai. 2024.

⁸ GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.14.

intolerância e o que deveria ser fator aglutinador, torna-se desintegrador. A causa, na maior parte das vezes, se dá pelo desconhecimento do que é religião.

As recepções das manifestações do sagrado em cada segmento religioso ocorrem com a mesma intensidade e variedade com que se opõem o sagrado do profano. As recepções são produzidas através do significado que a relação entre o homem e o poder sobre-humano, no qual ele acredita e deseja depender, acontece. Essa relação se expressa em emoções como confiança e medo, bem como atitudes rituais e éticas. Mircea Eliade esclarece:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”.⁹

As manifestações hierofânicas acontecem em oposição ao que o autor chama de profano. Todavia, um rápido olhar para o mundo ao redor mostra que as manifestações do sagrado desempenham um papel bastante significativo na vida social e política de todas as pessoas, crentes ou não. A maneira como cada um de per si recebe o sagrado produz resultados e são estes resultados que, muitas das vezes, são opostos e até agressivos. Ouvimos falar de católicos e protestantes em conflito na Irlanda do Norte¹⁰, cristãos contra muçulmanos nos Bálcãs¹¹, atrito entre muçulmanos e hinduístas na Índia¹², guerra entre hinduístas e budistas no Sri Lanka¹³. Há notícia de seitas religiosas extremistas nos Estados Unidos adeptas ao terrorismo¹⁴.

⁹ ELIADE, 1992. p.13.

¹⁰ EducaBras. *Conflito na Irlanda*. Disponível em: <https://www.educabras.com/aula/conflito-na-irlanda>. Acesso em 01/05/2024.

¹¹ AGUIAR, Lilian Maria Martins de. *"A Iugoslávia"*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-iugoslavia.htm>. Acesso em 15 de maio de 2024.

¹² SILVA, Júlio César Lázaro da. *"Conflito na Caxemira"*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/caxemira.htm>. Acesso em 15 de maio de 2024.

¹³ GUITARRARA, Paloma. *"Sri Lanka"*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/sri-lanka.htm>. Acesso em 15 de maio de 2024.

¹⁴ GUITARRARA, Paloma. *"Principais grupos terroristas da atualidade"*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/grupos-terroristas-mundo.htm>. Acesso em 15 de maio de 2024.

De outro lado, pode-se observar representantes de diversas religiões promovendo ajuda humanitária aos pobres e destituídos do Terceiro Mundo. Assim, o que é produzido no mundo, de bom ou ruim, é resultado de recepção diferente da mesma manifestação. Com frequência, a intolerância religiosa ocorre como resultado do conhecimento insuficiente sobre o assunto. Aquele que observa do lado de fora uma religião, enxerga apenas suas manifestações, e não o que elas significam para o indivíduo que a professa.

Ritos e Rituais: do Contexto Natural a Totalidade do Mundo e do Humano

Nem todo rito teve sua origem na religião. Alguns são atos simples e corriqueiros, porém, outros são repudiados por muitos, como é o caso dos rituais antigos de antropofagia. Sacrifícios aos antepassados, sacrifícios animais e até humanos, em alguns casos, necessitam ser lidos sobre a ótica da necessidade social e de sobrevivência ao invés da ótica puramente religiosa. O francês Frank Lestringant demonstra num de seus escritos como, por exemplo, a razão que leva um canibal comer a carne de seu adversário vencido e ressalta:

A degradação da imagem do outro, desde a idealização heróica da Renascença até os crepúsculos tempestuosos do romantismo, se acompanha durante o mesmo período de uma incompreensão crescente da antropofagia. Ao modelo de explicação através do rito, que é o primeiro, se substitui logo, em nome da filosofia e da ciência, um esquema determinista que restabelece a prática à matéria e o costume à sujeição natural. Vítima de um meio ambiente hostil e perdendo toda sua liberdade, o canibal não é mais do que um ser que come, um predador sem consciência e sem ideal, que, no caso de extrema escassez de víveres, vira seu apetite contra seus semelhantes.¹⁵

Em uma abordagem semelhante ao assunto e numa perspectiva bem brasileira, outro francês, Claude *d'Abbeville* endossa:

Não é prazer propriamente que as leva [as mulheres] a comer tais petiscos, nem o apetite sensual, pois de muitos ouvi dizer que não raro a vomitam depois de comer, por não ser o seu estômago capaz de digerir a carne humana; fazem-no só para vingar a morte de seus antepassados e saciar o ódio invencível e diabólico que votam a seus inimigos.¹⁶

Assim, muitos ritos surgem de um contexto natural e assim devem ser interpretados. A significação de determinada prática religiosa pode remontar-se a origens culturais ou de sobrevivência. No decorrer dos tempos, as tradições e movimentos religiosos dedicaram-se à tarefa de significar a totalidade do mundo e do humano através da elaboração e divulgação de valores do que entendiam ser sagrado e

¹⁵ LESTRINGANT, F. *Le Cannibale: grandeur et décadence*, Paris: Perrin, 1994. p.30.

¹⁶ ABBEVILLE, C. D'. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. São Paulo: Edusp, 1975. p.233.

profano, puro e impuro, ético e não ético, lançando uma estrutura de ordem cósmica ao universo da matéria, dos “deuses”, e seres humanos.

O despertar de um conhecimento religioso, resultado do processo cultural da humanidade, produzido por diferentes crenças, filosofias, tradições e movimentos religiosos, acabou por se tornar uma base confiável utilizada pelas pessoas para construir ou reconstruir caminhos, significados, sentidos e respostas às diferentes situações e desafios dos seus dias a dia, formando e solidificando identidades pessoais e sociais.

Seguramente, neste processo de construção ou reconstrução, as elaborações simbólicas relativas ao religioso, presentes em cada grupo social, acabam por serem incorporadas e passam a ser parte integrante da diversidade cultural de determinado grupo. Desta maneira, as diferentes vivências, percepções e elaborações religiosas irão compor a base da cultura de um povo, tornando-se uma rica fonte de conhecimentos a instigar e desafiar o cotidiano das gerações.

Pode-se perceber que as expressões religiosas, muitas vezes travestidas por crenças, tradições e mitos religiosos, contribuem e, não raro, determinam modos de como cada pessoa se define e se posiciona no mundo, orientando, inclusive, seus relacionamentos, com o semelhante, o mundo natural e com o sagrado, possibilitando diferentes vivências religiosas e interpretações de vida.

Toda esta dinâmica construtiva e interativa de valores pode solidificar e perverter alguns sentidos, causando indiferença nas pessoas. Interesses espúrios deturpam a experiência religiosa em favor pessoal, não importando se tais ações irão destruir, mutilar ou sentenciar à ignorância sociedades e vidas. É pertinente aqui citar Émile Durkheim:

[...] no interior das religiões deístas encontramos grande número de ritos que são completamente independentes de qualquer ideia de deuses ou de seres espirituais. [...] Assim, há ritos sem deuses, e há até ritos dos quais derivam deuses. Todas as virtudes religiosas não emanam de personalidades divinas e há relações culturais que têm objetivo diferente do de unir o homem a uma divindade. [...] Os fenômenos religiosos ordenam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados da opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados.¹⁷

Segundo a afirmação de Durkheim, os ritos assim como as crenças religiosas, não dependem ou não coexistem mediante a existência de uma divindade, ou seja, parece indicar que mesmo sem a existência de um “deus”, é possível estabelecer rituais representativos religiosos. Os ritos, portanto, estão para além da figura de um deus, perfazendo também um conjunto de regras de comportamento que orientam como as pessoas devem se portar diante das coisas consideradas sagradas. Um rito fúnebre, por

¹⁷ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 65-67.

exemplo, não inclui necessariamente a fé em um deus. A cientista da religião, Angela Vilhena citando vários autores, destaca:

José Severino Croatto [...] recolhe de muitos autores várias classificações dos rituais. Tendo como eixo aglutinador o princípio da finalidade do ritual, apresenta a classificação proposta por Émile Durkheim. Croatto propõe uma divisão em três classes: ritos negativos (tabus, ascese, jejum); ritos positivos (oferendas, oração, comunhão); ritos expiatórios (expição, propiciação). Ele apresenta também a classificação de Norman Habel, que distingue: ritos de reforço de energia vital (caça, pesca, fertilidade da terra); ritos de redução de energia vital (prática de bruxaria); ritos apotropaicos (proteção contra os maus espíritos); ritos de purificação e cura (ablução, lustração, batismo de fogo); ritos de adivinhação (por meio de ossos, oráculos, entranhas de animais). Outro critério utilizado para a classificação dos ritos pode ser a função sócio religiosa [...] teríamos entre outros: ritos de passagem – por ocasião do nascimento, da puberdade, do casamento, da morte; ritos de participação na vida divina – oração, sacrifício, consagração de uma pessoa ou lugar; ritos de propiciação – podem ser agrários, purificatórios ou expiatórios.¹⁸

Dessa síntese das principais classificações dos ritos, encontra-se um grande acervo de interpretações e classificações que podem ser dadas aos ritos. Apenas neste trecho temos a referência a três autores (Croatto, Durkheim e Habel) e assim, menciona a possibilidade de classificação por função do tipo sócio religiosa; deste modo, é possível reafirmar que os ritos não nascem necessariamente da crença em deus ou deuses.

Então, os ritos podem ser definidos também como celebrações das tradições e manifestações religiosas que possibilitam um encontro interpessoal. Servem à memória e à preservação da identidade de diferentes tradições e manifestações religiosas, sendo por este motivo, um dos itens responsáveis pela construção dos espaços sagrados ou não.

No ambiente religioso, os ritos são criados para dar movimento e sentido prático à ideia de Sagrado, objetivando ainda, manter integrada a união dos seguidores de uma tradição ou organização religiosa. Assim, pode-se afirmar que os ritos são imagens refletidas das tradições culturais e religiosas, ou seja, o rito é um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios que possuem conteúdo e arranjo caracterizados por diversos graus de formalidade, que vão se moldando, fundindo-se e se repetindo.

A palavra rito é originada do latim *ritus*, e equivale ao grego *thesmós*, cujo significado no plural é “tradições ancestrais, regras, ritos”. O rito é o aspecto mais característico da religião e se confunde com a própria religião que o cria. Há uma diferenciação entre o rito e o ritual. Por vezes costuma-se fazer certa confusão com os termos no linguajar popular, tratando alguns como termos sinônimos ou como coletivo

¹⁸ VILHENA, Maria Angela. *Ritos*. São Paulo: Paulinas, 2005.p.64-65.

e unidade. Quais são os conteúdos semântico e simbólico dessas palavras? Para Victor Turner, “[...] uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte da prática dos rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam para elas”.¹⁹

Há diferença sim entre os termos, aproximando da afirmação de que rito é teoria e ritual é a prática, ou seja, o rito como conteúdo e ritual sendo a forma de expressão. O rito carrega a sacralidade e torna real para o fiel o sentimento de fé ao Sagrado enchendo de sentido o espírito humano. O ritual caracteriza-se pela expressão prática repetida, por meio de gestos, manipulação de objetos, recitação de palavras executadas por pajés, xamãs, pastores, padres, etc. que visam conservar e recuperar a situação original do conteúdo de significados de determinado grupo.

O rito comporta os valores, comportamentos e hábitos éticos para sua eficácia e realização por meio dos rituais. O rito comporta a transformação de locais e objetos em imagens, que darão sentido aos atos que, com a sensibilidade, se transformarão nos objetos da realidade sagrada ao qual se referem.

O rito pode ser visto como sistema de comunicação. Sua estrutura carrega as mensagens e sinais transmitidos através de códigos estabelecidos, sobre o significado de cada um dos objetos presentes. Pode ser entendido também como um conjunto de gestos preestabelecidos, que são repetidos tendo em vista a realização de um objetivo ou uma tarefa.

No aspecto religioso, o rito tem o objetivo de tornar presente ou de relembrar um acontecimento sagrado original. O sacerdote católico consagra o pão e o vinho, tornando-os corpo e sangue de Jesus; um rabino faz as orações e proclama as santas palavras de seu livro sagrado; um religioso hindu celebra o amor e a beleza da vida com uma dança especial; um monge budista, através da meditação, contempla o mistério da natureza. O casamento, batismo, crisma, circuncisão e até o canibalismo engrossa a lista dos rituais religiosos e culturais. Segundo Mircea Eliade, a repetição caracteriza o ritual:

A repetição é outra característica central nos rituais. A necessidade de fazer memória dum acontecimento primordial (*in illo tempore*) daquilo que os deuses ou seres divinos fizeram no começo do Tempo (*ab initio*). Isso se evidencia nas cerimônias que, uma vez narrado, dá origem ao mito.²⁰

Assim, a repetição, ainda hoje, carrega a memória de seu significado primitivo, pois, repetir é também remeter-se à criação mítica de tempos em tempos do mundo. O ser humano religioso está sempre movido pelo desejo de retornar periodicamente ao que era, ao acontecimento primordial da experiência religiosa. Isso é possível através do rito, pelo qual se faz memória do ato fundacional da experiência, das origens.

¹⁹ TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974. p.20.

²⁰ ELIADE, 2001. p. 84.

Mircea Eliade acrescenta: “Assim, periodicamente, o homem religioso torna-se contemporâneo dos deuses, na medida em que reatualiza o tempo primordial no qual se realizaram as obras divinas”²¹, neste caso, a criação. Portanto, a experiência religiosa torna-se vivência atemporal das relações do ser humano com seus deuses, contextualizadas por meio da repetição dos elementos primordiais que revitalizam o sentido do fiel. No exemplo cristão, a “eucaristia” ou “ceia” é uma vivência incorporada pela repetição.

Deve-se ressaltar também que os ritos produzem práticas educativas por serem, em sua maioria, coletivas e que auxiliam no processo de integração das pessoas no grupo. Há uma “união” bem como “cumplicidade” em torno da execução do rito, tornando as ações espontâneas, sem que haja preocupação anterior sobre afinidades ou elementos comuns. É mais que transmissão da tradição ancestral; torna-se elemento aglutinador, formador e propagador de determinado grupo. Pelo menos, no momento em que o ritual é praticado, propicia aproximação uns dos outros, podendo controlar impulsos, superar diferenças e o partilhar das mesmas intenções, produzindo humanização entre os participantes. Na fala de Alain de Botton:

Os melhores rituais comuns fazem, de modo eficaz, a mediação entre as necessidades do indivíduo e as do grupo. [...] Por conseguinte, o ritual concilia o *self* e os outros. É uma purgação controlada e muitas vezes comovente em termos estéticos. Demarca um espaço no qual nossas demandas egocêntricas podem ser honradas e, ao mesmo tempo, domadas, a fim de que a harmonia a longo prazo e a sobrevivência do grupo sejam negociadas e asseguradas.²²

Assim, o rito proporciona harmonia e ordem ao convívio social, sendo uma necessidade de organização e adaptação que auxilia no resgate da desorganização que está sempre a ameaçar o mundo. Facilitador de integração, acaba por reforçar o elo social do grupo, elevando a consciência prática da experiência religiosa. Os ritos são indispensáveis para a organização e desenho da forma das religiões, porém, não podem ser um fim em si mesmo, sobrestando-se à própria experiência individual com o divino.

Do Secularismo ao Retorno do Sagrado no Pensamento Moderno: Novas Possibilidades na Ressignificação da Vida

Ao examinar a relação entre a secularização e o sagrado percebe-se uma relação dialética com implicações na maneira de crer do ser humano moderno, produzindo mudanças efetivas no curso histórico da religião. Surgindo como um fenômeno histórico-social, a secularização provoca intenso questionamento e a conseqüente não

²¹ ELIADE, 2001. p.78

²² DE BOTTON, Alain. *Religião para ateus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011, p.49

aceitação da religião institucionalizada que tenta manter o controle dos seus fiéis dentro da sociedade.

A espiritualidade é um dado antropológico da existência. Seja de forma institucionalizada ou não, de algum modo, as pessoas expressam o seu lado religioso. No Brasil os conflitos são inúmeros e se apresentam como violência nas mais diversas formas, a xenofobia, a pobreza, o desemprego, o racismo, a desnutrição, dentre outros. Os desafios contemporâneos são gigantescos como as guerras e o terrorismo. Enquanto cientistas, pesquisadores, políticos, religiosos, profissionais liberais ou não, devemos manter uma postura sectarista, fundamentalista e secularizada da religião? Ou buscar um diálogo conciliatório pelo bem estar social?

Na modernidade surge uma significativa mudança de paradigma quanto ao domínio do saber científico, trazendo consigo inquestionáveis melhorias sociais e principalmente melhorias materiais ao ser humano. Todavia, uma lacuna se abre paradoxalmente através das novas crises sociais e existenciais que sobrevieram à sociedade imatura e em conflito.

No intuito de fugir do vazio existencial causado pela modernidade, volta-se à realidade espiritual, não mais embarcando nas religiões tradicionais, mas sim ao sagrado que começa a se manifestar em novas formas, possibilitando a ressignificação do sentido da vida e da espiritualidade humana. A Modernidade é,

... um período histórico que começou na Europa Ocidental no século XVII com uma série de transformações sócio culturais e intelectuais profundas que atingiu sua maturidade primeiramente como projeto cultural, como o avanço do Iluminismo e depois como forma de vida socialmente consumada, com o desenvolvimento da sociedade industrial (capitalista e, mais tarde, também a comunista).²³

Há um rompimento com a tradição medieval e a quebra do monopólio que as religiões instituídas mantinham sobre a sociedade, deslocando o controle para o campo privado. É bem verdade que a religião não deve ser vista como subproduto da sociedade, resultado de fatores sociais e psicológicos, porque seria uma visão reducionista, atribuindo a religião apenas um elemento das condições sociais ou da vida espiritual do ser humano.

A sociedade influencia e é influenciada pela religião, todavia, não determina o seu rumo. O próprio processo histórico-social conhecido como Modernidade influenciou, mas não conseguiu frear o crescimento de fiéis que migram de um modelo para outro. Sejam aqueles que aderem a religião natural ou os que se apegam a religião revelada.²⁴

²³ BAUMAN, Zygmunt. *A busca da ordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 299-300.

²⁴ Os termos são usados para designar aqueles que não admitem a existência de um Deus metafísico que se revela a humanidade. Neste sentido, cada um constrói o seu próprio deus. Na religião revelada

Os avanços tecnológicos têm produzido mudanças de mentalidade no homem, e tais mudanças operam também na esfera do sagrado, desconstruindo e reconstruindo novas estruturas que se adequem às novas formas de vivência humana. Parecem inquestionáveis as transformações que a Modernidade como movimento secular produziu na religião, todavia, a modernidade não se opõe à religião numa tentativa de sobrepor-se, de dar conta da realidade.

Mesmo sendo legítimo, inovador e transformador o contato da Modernidade com a religião, inicialmente, provocou perplexidade nos meios religiosos, principalmente na fase logo posterior ao Iluminismo²⁵, quando Nietzsche proclama a “morte de Deus”, rompendo o vínculo que ele observava com a tradição religiosa da época. Zilles Urbano declara:

O surgimento e a evolução da ciência moderna anularam e relativizaram certezas e convicções herdadas do passado, enfraqueceram critérios de vida e de julgamento moral, questionando tradições religiosas. Destarte, o homem ocidental passou a viver com o sentimento de um mundo à deriva, sem rumo, caracterizado pela anarquia do pensamento, apostando no conhecimento científico como solução de todos os problemas.²⁶

Neste contexto, a religião institucional, que por séculos manteve a “última palavra” e orientou os aspectos da sociedade, entra em colapso, fazendo-nos questionar: como será possível, em um novo panorama, regido pela racionalidade e pela cientificidade a coexistência entre ciência e religião? Todavia, não são apenas as religiões instituídas que sofrem o embate da nova estrutura que se instaura, mas a própria metafísica entra em declínio, tornando-se desinteressante ao espírito moderno que é pautado pelo racional e científico.

Seria a morte da religião? O espírito moderno pautado no racionalismo e na cientificidade melhorou as pessoas tornando-as mais felizes? O que surge, neste âmbito, não é um ser humano forte e autossuficiente, mas vazio e carente de sentido para sua existência. A ciência não substituiu a fé. Mas é possível viver sem a ciência? Também não. Fé e ciência coexistem num pacto de tolerância.

Assim, a dualidade espírito-matéria é real e necessita conviver juntas num mundo onde necessidades materiais e espirituais podem ser satisfeitas dentro do mesmo processo. José Souza discorrendo sobre a racionalidade moderna, esclarece:

admite-se o caráter oculto da divindade que se revela aos humanos. Neste sentido, a possibilidade do conhecimento de Deus se dá através da revelação. Não é o homem que encontra Deus. É Deus que encontra o homem.

²⁵ O Iluminismo foi um movimento filosófico, surgido na França, que defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica (religiosa), que dominava a Europa desde a Idade Média. Segundo os filósofos iluministas, esta nova forma de pensamento tinha o propósito de iluminar "as trevas" na qual se encontrava a sociedade.

²⁶ ZILLES, Urbano. *A crítica da religião*. Porto Alegre: EST, 2009. p. 28-29.

Na modernidade, a realidade humana é considerada na perspectiva de uma realidade que se auto define. O sujeito, por sua vez, é definido pela razão compreendida como cogito. O ato do pensar é o ato constituidor da inteligibilidade pela qual o sujeito se descobre a si mesmo. Em outras palavras, o sujeito ao refletir sobre si mesmo, cria autonomamente, no ato mesmo da reflexão, sua própria natureza de ser autoconsciente. Isso significa que, para a modernidade, a racionalidade é uma racionalidade ligada ao sujeito entendido como cogito, que se define como uma coisa pensante (*res cogitans*) [...] A razão é elevada ao nível de um poder sobre as coisas. O homem age sobre o mundo dominando-o, eliminando toda oposição existente entre razão e natureza, e esta, por sua vez, tem que se submeter aos ideais e projetos da razão.²⁷

Na base da Modernidade está então, uma racionalidade considerada por Souza como, poder sobre as coisas, valorizando a dualidade Espírito-Matéria. Mas é com Isaac Newton e outros que a racionalidade humana cria o mecanicismo, numa concepção mecânica do universo, dentro da qual não se necessita de Deus para explicar o funcionamento do mundo, apesar de ser Deus, para Newton, o criador de todo este grande sistema. Os fatos naturais começam ter uma explicação racional que vai transformando o entendimento sobre o sagrado, tornando-o cada vez mais “humanizado”, na forma de um deísmo elucidador dos mistérios do universo. Uma definição do termo mecanicismo é encontrada em Nicola Abbagnano:

Entende-se por explicação mecanicista a que utiliza exclusivamente o movimento dos corpos, entendido no sentido restrito de movimento espacial. Nesse sentido é mecanicista a teoria da natureza que não admite outra explicação possível para os fatos naturais, seja qual for o domínio a que eles pertençam, além daquela que os interpreta como movimentos ou combinações de corpos no espaço.²⁸

Foi o mecanicismo quem promoveu a concepção científica moderna, na qual a natureza e o ser humano são comparados a uma máquina e a um conjunto de mecanismos em que suas leis precisam ser descobertas. Nesta visão, são excluídas abordagens como valor, perfeição, sentido e fim, conceitos que estarão fora do foco da ciência por pertencerem a questões religiosas.

A dimensão religiosa fica marginalizada e incapaz de explicar os eventos naturais, surgindo uma secularização explicativa dos fenômenos naturais e, mais tarde, os sociais. A ciência passa a ser a “autoridade final” no que tange a explanação sobre o mundo. Como consequência desta separação entre a religião e a ciência, Euler Westphal esclarece:

Foi ficando cada vez mais difícil acreditar que um Deus soberano, monárquico, governasse o mundo com suas leis divinas e imutáveis. A divisão cartesiana, entre *res extensa* e *res cogitans*, criou as condições filosóficas para que a secularização da natureza - desprovida de espiritualidade e de

²⁷ SOUZA, José Carlos Aguiar. *O projeto da modernidade*. Brasília: Liber Livro, 2005. p.31,32.

²⁸ ABBAGNANO, Nicola. *Mecanicismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 755.

referência a Deus – se impusesse. Aliás, a visão mecânica do mundo passou a ter um caráter religioso.²⁹

Esta nova concepção do mundo que distinguiu espírito da matéria não só contribuiu para a racionalidade científica colocar as áreas do conhecimento em compartimentos específicos, mas relegou todo o conhecimento espiritual ao ostracismo, tratando-o como irrelevante diante do conhecimento racional e científico, estabelecendo uma diferença entre secularização e dessacralização.

O primeiro termo tem a ver com a perda da autoridade das instituições religiosas, já o segundo, a dessacralização, implica em um posicionamento avesso ao mistério, e que aponta para o esgotamento da experiência do sagrado. Deste modo, na proporção em que a Modernidade avança com os novos conhecimentos técnicos e estilos próprios, ou seja, a urbanização e a industrialização, a progressiva “morte” do sagrado vai dando lugar a uma vida cada vez mais destituída do divino e dessacralizada. Raissa Cavalcanti, comenta:

O mundo contemporâneo caracteriza-se por ser completamente dessacralizado e destituído de todo o valor *numinoso*. O sentimento do sagrado, seja em relação à natureza ou ao cotidiano das pessoas, está ausente da vida moderna. Mesmo nos templos ou igrejas das religiões institucionalizadas, a vivência do sagrado como experiência interior se dilui ou mesmo desapareceu. Na maioria das vezes, os ritos se tornaram mecanizados e automatizados, e o significado espiritual transcendente ficou obscurecido e alienado da vida das pessoas.³⁰

O termo “*numinoso*”³¹ é um termo cunhado por Otto para se referir a uma característica essencial e exclusiva da religião, sem a qual a religião perderia as suas características. Então, segundo Raissa, o processo do desenvolvimento científico que destituiu do mundo todo o valor *numinoso* produziu relações humanas fragmentadas.

A partir daí, percebe-se o surgimento de uma acirrada competitividade adicionada a certa superficialidade e obscuridade em torno da vivência do fenômeno religioso, pois, o sentimento do sagrado foi esvaziado de todos os aspectos da vida e quando ele renasce, traz consigo nova roupagem, menos nobre que a anterior, enfraquecida de sua essência, o que aumenta as diferenças e embaça as semelhanças entre as religiões que se esforçam a sobreviver em tal contexto. O movimento que passa a interrogar a fé, também não dá certezas e respostas a todos os dilemas humanos. Cabe aqui a observação de Wilmar Barth:

A Religião e a Espiritualidade passaram a ser desconsideradas, ocupando uma posição de inferioridade diante dos demais tipos de conhecimento [...]

²⁹ WESTPHAL, Euler. *Um ensaio crítico sobre a lógica da dominação na ciência moderna*. São Paulo: Vox Scripturae, 1999. p. 47.

³⁰ CAVALCANTI, Raissa. *A reconciliação entre ciência e espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 17.

³¹ OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Paulo: Imprensa Metodista, p. 12.

Esperávamos que a ciência respondesse a todos os nossos questionamentos e solucionasse nossos problemas, mas isso não aconteceu. Novas crises e novos problemas expuseram nossa fragilidade humana. Deus foi relegado ao passado, a uma espécie de subproduto, agora obsoleto e ao qual não se poderia recorrer sob hipótese alguma. E a humanidade ficou à deriva de si mesmo.³²

O século atual é marcado por um retorno do homem ocidental à fé e à religiosidade, todavia, não significa necessariamente um retorno à religião institucional, mas, sim, uma retomada pelo homem de sua consciência e de sua realidade espiritual numa nova dimensão, porém, em um reencontro com o que outrora lhe dera sentido.

O processo de secularização não colocou fim à religião, nem tampouco fez com que o sagrado desaparecesse. Tão somente pôs fim à hegemonia das grandes tradições religiosas que passaram a se deparar com o pluralismo religioso que, por sua vez, trouxe mudanças significativas num cenário religioso agora multifacetado.

Uma enormidade de novas práticas religiosas, reflorescendo novas espiritualidades com novas formas e contornos do sagrado. Na sociedade atual experimenta-se um paradoxo, ou seja, por um lado a forte presença da religião, por outro, uma sociedade secular que caminha paralelamente na sua característica cética. A religião continua relevante para a formação da identidade pessoal, cumprindo sua função terapêutica e moral, mesmo perdendo sua influência em outras áreas. Peter Berger observa:

Daí resulta que as instituições religiosas tenham se acomodado às “necessidades”, moral e terapêutica, do indivíduo em sua vida privada. Pode-se ver isso na proeminência dada aos problemas privados na atividade e na promoção das instituições religiosas contemporâneas: a ênfase na família e na vizinhança assim como nas “necessidades” psicológicas do indivíduo. É nessa área que a religião continua a ser “relevante” mesmo em camadas altamente secularizadas, enquanto a aplicação de perspectivas religiosas aos problemas políticos e econômicos é amplamente considerada “irrelevante” nessas mesmas camadas.³³

Em face das grandes transformações pelas quais passa a humanidade, observa-se um importante aspecto que vai de encontro ao processo de secularização da sociedade, que é o retorno ao Sagrado em suas múltiplas formas. Apresenta-se como uma resposta ao fenômeno da secularização, levando o ser humano a se conectar com o sagrado e ter o sentido de pertença a um grupo religioso específico, porém, não faz sentido associar a presença religiosa atual como sinal de enfraquecimento da secularização.

³² BARTH, Wilmar Luiz. *A Religião cura?* Porto Alegre: Telec, 2014. p. 98.

³³ BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 158.

O pluralismo produzido pela secularização gerou uma disputa que não se limitou ao campo interno da religião na busca de definir o mundo, outros novos rivais não religiosos como os movimentos ideológicos, revolucionários, nacionalistas, entre outros, entram nesta disputa. Com isso, se antes as instituições podiam impor sua autoridade, num cenário pluralista, a religião é “colocada no mercado” e passa a buscar “consumidores” que não são mais obrigados a “comprar” suas “mercadorias”.

A experiência religiosa produz mudanças dentro e fora de quem a tem. Alcança as coisas do mundo, contribuindo em muitos aspectos na vida das pessoas. Porém, ela tem o dever de ser também ética e relacional, produzindo mudanças positivas nas pessoas, e conseqüentemente, no mundo. Toda tentativa de usar a religião como forma de defender interesses que vão de encontro a promoção da harmonia entre as pessoas, deve ser rechaçada. Como bem pontua Hans Küng:

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre elas. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver se não houver um etos global, uma ética para o mundo inteiro.³⁴

A reflexão sobre a necessidade de uma paz é contraposta por um sentimento e anseio em eliminar ou desqualificar todas as outras possíveis perspectivas de verdade e valor religioso. Exemplo histórico desta absolutização religiosa pode ser vista na conversão forçada dos povos pagãos ocorrida na Europa no período medieval e também, na colonização das Américas, África e ainda, nas Cruzadas e na atuação do Tribunal de Inquisição. Segundo Norman Cohn:

O novo significado [do *maleficium*] se mostrou muito mais sinistro, pois o procedimento inquisitorial, base sobre a qual se conduziam os julgamentos por heresia, não só distorcia os fatos como também os selecionava intencionalmente; e também podia ser utilizado para empregar propósitos que nunca haviam existido até então. Isto não quer dizer que a Inquisição por si mesma tenha contribuído muito com o processo. Ainda que a Inquisição tenha aperfeiçoado o procedimento inquisitorial, nunca o monopolizou e poucos dos julgamentos de heresia ao longo do século XIV[...]foram conduzidos por inquisidores profissionais dominicanos ou franciscanos. Os bispos, comissões eclesíásticas especiais e os juizes seculares tiveram um papel muito mais importante e [...] os interesses de cada um deles muitas vezes se sobrepunham.³⁵

Mais tolerância, menos conflitos religiosos. O radicalismo religioso, a disposição para a violência entre os fundamentalistas, é decorrente de uma visão de mundo intolerante, não apenas em relação às outras religiões, mas também à sociedade

³⁴ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo*. Campinas: Verus, 2004. p.17.

³⁵ COHN, Norman. *Los demônios familiares de Europa*. Barcelona: Alianza 1997. p. 231.

secularizada. Esse impulso agressivo, incapaz de lidar com a alteridade de forma pacífica, é causado pela insegurança que o desconhecimento produz.

A própria interpretação literal da bíblia por parte de líderes conservadores cria dificuldades de convivência pacífica. Cabe aqui citar os artigos da Declaração promulgada pela ONU para eliminar todas as formas de intolerância e discriminação baseadas em religião:

Artigo 2º. 1. Ninguém será objeto de discriminação por motivos de religião ou convicções por parte de nenhum estado, instituição, grupo de pessoas ou particulares. 2. Aos efeitos da presente declaração, entende-se por "intolerância e discriminação baseadas na religião ou nas convicções" toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo e o exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. Artigo 3º. A discriminação entre os seres humanos por Motivos de religião ou de convicções constitui uma ofensa à dignidade humana e uma negação dos princípios da Carta das Nações Unidas, e deve ser condenada como uma violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamados na Declaração Universal de Direitos Humanos e enunciados detalhadamente nos Pactos internacionais de direitos humanos, e como um obstáculo para as relações amistosas e pacíficas entre as nações. Artigo 5º. 3. A criança estará protegida de qualquer forma de discriminação por motivos de religião ou convicções. Ela será educada em um espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal, respeito à liberdade de religião ou de convicções dos demais e em plena consciência de que sua energia e seus talentos devem dedicar-se ao serviço da humanidade. Artigo 6º. O direito à liberdade de pensamento, de consciência, de religião ou de convicções compreenderá especialmente as seguintes liberdades: e) A de ensinar a religião ou as convicções em lugares aptos para esses fins.³⁶

A declaração acima deveria mobilizar as lideranças para elaborarem estratégias que desestimulem o separatismo tendencioso ideológico. Grupos como Xiitas, Estado Islâmico, entre outros, tipificam a luta a ser travada contra a absolutização religiosa. O fundamentalismo é a manifestação da incapacidade dos seres humanos para viver em harmonia em meio à diversidade, alimenta a intolerância, é inimigo da diversidade e pode se manifestar em qualquer ideologia.

O fenômeno fundamentalista, cada vez mais generalizado, se apropria de todas as parcelas da existência humana: pessoal, social, religiosa, cultural, política e econômica. Isso pode ser comprovado no avanço dos partidos xenófobos, no fanatismo de líderes religiosos que queimam livros sagrados e nos atentados terroristas cometidos em nome de um deus.

³⁶ Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. *Declaração para Eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação com base em religião ou convicção*. Assembleia Geral da ONU. Resolução 36/55, 25/11/81. Disponível em <<http://dhnet.org.br/direitos/sip/onu/discrimina/religiao.htm>>. Acesso em 01/05/2024.

Há também o fundamentalismo que costuma aparecer através de movimentos neoconservadores, empenhado em levar adiante a interpretação extremada dos textos sagrados, sendo intolerantes com o trabalho de cientistas e teólogos renovadores. Pode-se destacar certa absolutização da tradição, que despreza o inegável mundo em mudança, caracterizado pela complexidade e incerteza.

Observa-se, ainda, a violência religiosa como consequência da absolutização dos símbolos sagrados, num total desprezo da simbologia legítima utilizada pelo outro. Os fundamentalismos se estendem pelos diversos setores sociais e encontram-se instalados nas cúpulas da maioria das religiões, da política, da economia e inclusive dos Estados, que tomam suas decisões autoritariamente, sem a consulta da sociedade e sem fomentar a democracia participativa. Por isso, é necessário estar vigilante e ter uma atitude sempre autocrítica.

Através da tecnologia da informação e da comunicação, uma crescente globalização fundamentalista tem sido difundida, aumentando as fontes de tensão e promovendo a quebra da estabilidade social das nações. A relação entre violência e religião é acentuada na medida em que a obstinação de autoridades institui verdades próprias que dificultam a convivência e tolerância entre os mais variados grupos. Tais autoridades se identificam com o “poder” e resistem em tratar a questão da violência como deve ser tratada. É de Anselmo Borges o comentário:

É demasiado complexa a relação entre a religião e a violência, referindo-se aqui apenas à dinâmica profunda que pode explicar a violência religiosa enquanto tal. Desde que toma consciência de si mesmo, o ser humano vive em sobressalto: independentemente da questão de saber se é mais dominado pela angústia ou pela esperança, está, de modo mais ou menos consciente, pela morte, constitutivamente confrontado com a possibilidade do nada – nunca mais ser.³⁷

A complexidade mencionada por Borges está ao nível mais profundo, ou seja, no indivíduo. É lá, dentro de cada um, que as manifestações passionais surgem e, como consequência, produzem a violência externada e social. Tratar da questão entre religião e violência não é tarefa fácil e requer análise profunda; respeitando a igualdade e o direito, é possível avançar num pensamento que não seja exclusivista, pois, o sagrado apresenta-se multiforme, pouco hegemônico e, sobretudo, em constante movimento.

Talvez o melhor antídoto contra o fundamentalismo seja uma sincera renúncia à posse absoluta da verdade, o respeito ao pluralismo religioso inegável e necessário frente à coexistência, o direito à diferença cultural e ideológica e o diálogo inter-religioso orientado ao trabalho pela paz e pela justiça, a solidariedade com os excluídos, a defesa da natureza e a igualdade entre homens e mulheres.

³⁷ BORGES, Anselmo. *Religião e diálogo inter-religioso*. Coimbra; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p.27.

Ultrapassar os limites próprios, invadindo e agredindo as particularidades da fé alheia deve ser evitado a todo custo. Múltiplas são as possibilidades de expressão sem necessitar avançar a demarcação natural da religião do outro. É pertinente a colocação de Paulo Rivera:

Nas sociedades contemporâneas não há mais campo religioso estável, e os compromissos de longa duração deixaram de ser norma. Diversos tipos de opções religiosas e múltiplos produtos religiosos são oferecidos dia a dia nos templos e nos meios de comunicação. Religião exclusiva é coisa do passado. O sagrado apresenta-se multiforme, pouco hegemônico e, sobretudo, em constante movimento.³⁸

O caminho da violência religiosa é o extremo de uma ação que começa de outra forma, pela doutrinação, pela ausência de conhecimento, pela falta de comunicação e respeito, podendo adquirir contornos odiosos e letais. O conhecimento histórico das variadas religiões, o autoconhecimento e também pelo amadurecimento psicológico de seus seguidores é capaz de produzir clareza e mudança necessária na sociedade moderna.

O fundamentalismo religioso ameaça o equilíbrio e a vida em grupo, entretanto, é preciso compreender quando, dentro do ser humano, inicia um pensamento pautado no fundamentalismo religioso. O fundamentalismo começa quando há qualquer sinal de intransigência religiosa e quando a concepção de verdade se confunde com o termo posse. Afirma mais uma vez Anselmo Borges:

Há várias explicações para o fundamentalismo, que cultiva o pensamento único e a intolerância. Sublinham-se três. 1 - Quando se não suporta viver na perplexidade e na interrogação, surge a tentação de absolutizar as próprias crenças, excluindo e perseguindo quem as não partilha. 2 - Em toda a História foi permanente a utilização da religião para fins que não são os seus: alcançar o poder, servir os próprios interesses econômicos, políticos, culturais, impor hegemonicamente o próprio domínio. 3 - Em última análise, na base está uma determinada concepção de verdade, que se confunde com a posse do Fundamento. Mas, precisamente aqui, é preciso perguntar: quem é o Homem, um ser finito, para considerar-se senhor do Fundamento? Ele não possui o Fundamento ou o Absoluto, é o Fundamento que o possui a ele. Isto não é relativismo, mas perspectivismo: vamos ao encontro da realidade sempre numa determinada perspectiva.³⁹

Uma nova perspectiva da vida religiosa precisa vigorar no lugar do paradigma que muitos religiosos têm seguido historicamente. O futuro reside em comunidades corajosas, colaborativas e com conhecimento comum para identificar suas próprias

³⁸ RIVERA, Dario Paulo Barreira. *Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 438.

³⁹ BORGES, 2010, p.29.

motivações, e deste modo, conversões honestas e maduras ocorrerão entre as ordens religiosas e liberdade e paz serão vivenciadas.

O retorno de ideologias ultrapassadas travestidas de outras roupagens com a finalidade de dominação impositiva é algo a se considerar. Surgem muitos caminhos a trilhar quando o tema circunda o fundamentalismo, a religião, ou a ambivalência existente entre o amor e o ódio, a paz e a guerra, no contexto do poder e do sagrado. O fundamentalismo religioso ameaça o equilíbrio e a vida em coletividade. É preciso compreender que o fundamentalismo tem origem doutrinária tendenciosa, sendo alojado, inicialmente na estrutura da incompreensão pessoal e se expande com a falta ou com a pouca perspectiva religiosa.

Considerações finais

Conclui-se que a experiência religiosa é tão complexa e diversificada quanto o é a natureza humana, demandando reflexões plurais acerca das religiões existentes, ainda que sob o juízo crítico em relação a autenticidade da experiência religiosa o que, em nossa análise, dificulta o diálogo e potencializa à intolerância.

A experiência religiosa é subjetiva, envolvendo práticas grupais visíveis por meio de ritos e rituais. Assim sendo, é perceptível sua realidade fenomenológica, reconstruindo caminhos, sentidos e significados às pessoas. É uma expressão facilitadora do elo social, constituindo-se como fator integrador. No entanto, a vivência religiosa também contribui como elemento desagregador quando usada de forma malévola e com interesses espúrios.

Diante do exposto, há de se precaver com os discursos sectaristas e fundamentalistas decorrentes tanto do secularismo moderno quanto das religiões que se apropriam dos seus dogmas como fonte suprema e inequívoca de verdade sobre as outras, produzindo a intolerância, os discursos partidaristas e perpetuando a segregação entre ciência e religião. Dessa maneira, o caminho do conhecimento e a reflexão são indispensáveis para uma convivência amistosa contribuindo, assim, para o diálogo inter-religioso, a paz social e o sentido da vida.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Mecanicismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 755.
- ABBEVILLE, C. D'. História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas. São Paulo: Edusp, 1975.
- AGUIAR, Lilian Maria Martins de. "A Iugoslávia"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-iugoslavia.htm>. Acesso em 15 de maio de 2024.

Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. *Declaração para Eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação com base em religião ou convicção*. Resolução 36/55, 25/11/81. Disponível em <<http://dhnnet.org.br/direitos/sip/onu/discrimina/religiao.htm>>. Acesso em 01/05/2024.

BARTH, Wilmar Luiz. *A Religião cura?* Porto Alegre: Telec, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *A busca da ordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BORGES, Anselmo. *Religião e diálogo inter-religioso*. Coimbra – Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

CAVALCANTI, Raissa. *A reconciliação entre ciência e espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2000.

COHN, Norman. *Los demônios familiares de Europa*. Barcelona: Alianza 1997.

DE BOTTON, Alain. *Religião para ateus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 2008.

EducaBras. *Conflito na Irlanda*. Disponível em: <<https://www.educabras.com/aula/conflito-na-irlanda>>. Acesso em 01/05/2024.

GUITARRARA, Paloma. *"Principais grupos terroristas da atualidade"*; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/grupos-terroristas-mundo.htm>>. Acesso em 15 de maio de 2024.

_____. *"Sri Lanka"*; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/sri-lanka.htm>>. Acesso em 15 de maio de 2024.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas II*. São Paulo: Saraiva, 2011.

KÜNG, Hans. *Religiões do mundo*. Campinas: Verus, 2004.

Lei 9605/98. Lei de Crimes Ambientais, 12 de fevereiro de 1998.

LEROI-GOURHAN, André. *Os caçadores da pré-história*. Lisboa: Edições 70, 2001.

LESTRINGANT, F. *Le Cannibale: grandeur et décadence*, Paris: Perrin, 1994. p.30.

OLIVEIRA, L. B. de. *Formação de docentes para o ensino religioso: perspectivas e impulsos a partir da ética social de Martinho Lutero*. Tese (Doutorado em Teologia área de concentração: Educação e Religião). São Leopoldo: EST/IEPG, 2007.

RIVERA, Dario Paulo Barreira. *Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA, Júlio César Lázaro da. *"Conflito na Caxemira"*; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/caxemira.htm>>. Acesso em 15 de maio de 2024.

SOUZA, José Carlos Aguiar. *O projeto da modernidade*. Brasília: Liber Livro, 2005. p.31,32.

TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VILHENA, Maria Angela. *Ritos*. São Paulo: Paulinas, 2005.

WESTPHAL, Euler. Um ensaio crítico sobre a lógica da dominação na ciência moderna. São Paulo: Vox Scripturae, 1999. p. 47.

Presidência da República, Lei 9605/98. *Lei de Crimes Ambientais*, 12 de fevereiro de 1998. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm#:~:text=L9605&text=LEI%20N%C2%BA%209.605%2C%20DE%2012%20DE%20FEVEREIRO%20DE%201998.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20as%20san%C3%A7%C3%B5es%20penais,ambiente%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias. Acesso em: 15 mai. 2024.

ZILLES, Urbano. *A crítica da religião*. Porto Alegre: EST, 2009.